

TRABALHADORES DE JESUS

Aline

Luiz Guilherme Marques

médium

“Eu trabalho e Meu Pai também trabalha”.

(Jesus Cristo)

“Desperte sua consciência cósmica.”

(irmã Tereza)

“Pelos frutos se reconhece a árvore.”

(Jesus Cristo)

“Onde estiver o teu tesouro aí estará o teu coração.”

(Jesus Cristo)

***“Reconhecereis Meus discípulos pelo muito Amor que
manifestarem.”***

(Jesus Cristo)

***“Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo que Eu faço e muito
mais ainda.”***

(Jesus Cristo)

ÍNDICE

1 – Consciência cósmica

1.1 – A consciência

1.1.1 – Consciência e mediunidade

1.1.2 - Instinto e consciência — técnica dos automatismos

2 – As Três Revelações

2.1 – “*A Grande Síntese*”

3 – O Divino Governador da Terra: Jesus

3.1 – Seus Prepostos

4 – “*Fora da Caridade não há salvação*”

4.1 - “*Fora da Doutrina Espírita não há salvação*”

4.2 - Antroposofia

5 – Amor Universal

INTRODUÇÃO

Quando Jesus falou: *“Pelos frutos se conhece a árvore”* e *“Onde estiver o teu tesouro aí estará teu coração”* estava nos ensinando que podemos identificar nosso nível evolutivo pelo que pensamos, sentimos e agimos.

Como somos Espíritos em evolução, criados por Deus há pouco mais de um bilhão e meio de anos como seres inferiores aos vírus e bactérias, vamo-nos aperfeiçoando gradativamente, até chegarmos a um patamar semelhante ao de Jesus e, daí em diante, em direção ao infinito, pois Ele também afirmou: *“Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo que Eu faço e muito mais ainda.”*

Enquanto pensamos, sentimos e agimos pouco em favor da Grande Obra de Deus, dirigida por Jesus no nosso planeta, pois Ele é o Divino Governador da Terra, nossos *“tesouros”* são os interesses e os bens materiais, o desejo de posse sobre coisas e pessoas, em suma, tudo que *“a ferrugem e a traça corroem e os ladrões desenterram e roubam”*.

Nossos esforços representam, dentro dessa mentalidade, muito pouco em termos de iluminação interior, mas é uma fase primária, que, chegando à saturação, com sintomas de infelicidade, depressão e outros males físicos ou psicológicos, gera a necessidade de passarmos a um patamar superior a esse, em que sentimos a necessidade de *“servir”* ao invés de *“ser servidos”*.

Jesus, que é o Modelo de todas as perfeições morais para os Espíritos ligados à Terra, nunca *“se serviu”* das pessoas, mas *“serviu”* a todos, pois, conforme as Leis Divinas, o maior de todos é aquele ou aquela que mais *“serve”* aos demais, ao contrário da mentalidade primitivista que a maioria dos habitantes da Terra, mundo de provas e expiações, adota, ou seja, pensa, sente e faz.

Quando um Espírito ingressa nessa faixa superior de compreensão, passa a ser um *“trabalhador de Jesus”*. Todavia, devemos entender que há *“trabalhadores de Jesus”* dos mais variados níveis, sendo que podemos classificá-los desde *“trabalhadores da primeira hora”* até *“trabalhadores da última hora”*, considerando o tempo de existência do planeta Terra e desde quando eles assumiram essa postura.

Jesus disse: *“Reconhecereis Meus discípulos pelo muito Amor que manifestarem.”*, o que não significa que Seus discípulos devam ser necessariamente cristãos e, quando falou em Amor, quis referir-se ao Amor Universal, ou seja, extensivo a todos os seres criados por Deus e não ao sentimento exclusivista entre duas ou mais pessoas, por exemplo, restrito aos membros da família e aos amigos.

A maioria dos habitantes deste planeta, porém, sequer pode ser considerada como de *“trabalhadores da última hora”*, pois sua mentalidade ainda não é a de *“servir”*.

“Servir” visando contraprestações em vantagens pessoais é demonstrativo do egoísmo que ainda domina os corações da maioria dos terrícolas: podemos, numa linguagem figurada, dizer que esses *“servem”* a Mamom ou a César e não a Deus.

Veja-se a seriedade do assunto que estamos tratando, a fim de cada um se autoanalisar e ser sincero na afirmação perante a própria consciência sobre qual é o seu verdadeiro *“tesouro”*, pois aí estará o seu *“coração”*.

- Será que eu sou um *“trabalhador de Jesus”* eu sou um *“servidor de César ou Mamom”*? Somente eu conseguirei responder, de acordo o que penso, sinto e ajo. – Será que eu pretendo mesmo ser um *“trabalhador de Jesus”* ou prefiro ser um *“servidor de César ou Mamom”*? Tenho de ser igualmente sincero na resposta a essa segunda indagação.

De acordo com as duas respostas, minha vida seguirá um rumo totalmente diferente, ou seja, na horizontalidade ou na verticalidade. Na verdade, expressamo-nos aqui por meio de um simbolismo, pois ninguém, pois mais que seja rebelde às Leis de Deus, segue apenas na horizontalidade, pois a dor o obrigará a evoluir, se não preferir evoluir pelo Amor Universal, e, por outro lado, por mais que alguém queira evoluir verticalmente, não acontece dessa forma, pois “*a Natureza não dá saltos*” e a evolução ocorre numa sucessão quase imperceptível de mudanças interiores. Atentemos para esta expressão: “*mudanças interiores*”.

Quem opte por ser “*trabalhador de Jesus*” vai sentindo dentro de si algumas modificações para melhor, de tal forma que, em determinado momento, se parar para comparar o que é atualmente seu mundo interior com o que era há algum tempo atrás, verá que já se pode considerar quase que “*outra pessoa*”, muito diferente daquele “*homem velho*”, orgulhoso, egoísta e vaidoso.

Neste estudo, pretendemos abordar essas mudanças, a fim de incentivar nossos irmãos e irmãs encarnados a se cadastrarem entre os “*trabalhadores de Jesus*” e serem felizes, fazendo a felicidade alheia.

Informamos aos prezados leitores que tomaremos como fontes de referência não só as Lições de Jesus da época da Sua encarnação na Terra, como também aquelas constantes do livro “*A Grande Síntese*”, ditado por Ele através do médium não espírita Pietro Ubaldi, na primeira metade do século XX. Esse médium é muito questionado pelos espíritas ortodoxos, que se assemelham, perdoem-nos a franqueza necessária, aos religiosos facciosos contemporâneos de Jesus, que queriam paralisar a Roda da Evolução, admitindo apenas o que constava dos escritos de Moisés e dos antigos profetas e nada que lhes suplantasse e, por isso, recusaram-se a aceitar Jesus, com Suas Lições superiores às noções religiosas da época. Agora, esses espíritas conservadores restringem-se ao que

Allan Kardec e outros escreveram ou falaram, mas rejeitam novamente o Divino Governador da Terra nas Suas Revelações mais avançadas porque Ele ensinou, através de “*A Grande Síntese*”, através de um médium que não se filiou à corrente espírita e, na verdade, fez muito bem em assim proceder, pois a Verdade não é espírita, nem budista, nem hinduísta, mas Universal.

Jesus não é espírita, nem católico, nem islâmico: é o Divino Governador da Terra e tem a tarefa de ensinar a todos os habitantes da Terra na linguagem universal do Holismo.

Este estudo também irá abordar a questão do facciosismo, que vem prejudicando a evolução da humanidade, pois muitos, aos invés de se irmanarem na prática do Bem, entendendo a Lição do “*Reconhecereis Meus discípulos pelo muito de Amor que manifestarem*”, guerreiam uns aos outros, como verdadeiros inimigos, fazendo o Mal.

Se algumas correntes religiosas ou filosóficas não vêm em Jesus a figura do Divino Governador Planetário, nem por isso seus adeptos que “*manifestam muito Amor Universal*” deixam e ser “*trabalhadores de Jesus*”, conforme os Registros do mundo espiritual.

Que Deus abençoe este nosso trabalho e Jesus nos ilumine, bem como todos sejam abençoados e iluminados.

1 – CONSCIÊNCIA CÓSMICA

Como filhos de Deus, todos temos, dentro de nós, a semente da Divindade, que, gradativamente, vai se desabrochando e nos transformando em verdadeiros “*deuses*”, tal qual Jesus afirmou. O poder de cada um desses “*deuses*” é proporcional às suas virtudes, que resumimos em humildade, desapego e simplicidade, que encaminham para o Amor Universal.

Num estágio evolutivo mais avançado o poder que esses Espíritos detêm é incalculável para os seres mais primitivos, pois a perfeição relativa caminha em direção ao infinito.

Deus quer partilhar com Seus filhos e filhas toda Sua Felicidade e delega-lhes cada vez maior fatia de poder na administração do Universo: isso nunca Lhe retirará o comando da Criação, pois o finito nunca se transformará em Infinito.

A consciência cósmica representa justamente esse ponto luminoso, localizado dentro de cada Espírito, que lhe dá oportunidade de compreender o próprio Pai Criador e tudo que existe: trata-se da mais importante potencialidade do Espírito, aquilo que o faz tornar-se, de mero ser semiconsciente, em verdadeiro “*deus*”.

Ativemos nossa consciência cósmica através das virtudes acima referidas, vivenciando o Amor Universal: eis aí a fonte da Felicidade, que os seres primitivos procuram na materialidade e os evoluídos procuram na sua espiritualização.

1.1 – A CONSCIÊNCIA

Quando os Espíritos Superiores que orientaram Allan Kardec lhe afirmaram que a Lei de Deus está escrita na consciência de cada um simplesmente esclareceram melhor o que Jesus já tinha dito: “*O Reino dos Céus está dentro de vós*”, mas, para quem não tinha aprofundado esse estudo, constituiu-se em uma das mais importantes informações que os seres terrenos poderiam assimilar.

Ninguém se sentiria mais desamparado pelo Pai pelo fato de não ter acesso aos chamados “livros sagrados” ou a outras fontes de informações assemelhadas, pois, dentro de si mesmo, está escrita a Lei de Deus, em todos os seus desdobramentos possíveis: basta a cada um olhar para dentro de si mesmo e descobrirá tudo que lhe importa para se transformar em um “*deus*” no sentido que Jesus deu a essa palavra.

Muitos filósofos, cientistas, religiosos e artistas olham para fora de si e não enxergam a Lei de Deus, assim realizando no mundo exterior muitas obras passageiras ou até nocivas, pois se equivocam, uma vez que tudo que não traz o selo da espiritualidade vem e passa, não tendo o caráter da perenidade.

Quando Jesus disse: “Passará o céu e a Terra, mas Minhas Palavras não passarão” estava nos ensinando a Lei Divina, que é eterna.

Se queremos realizar algo semelhante, mesmo que em escala microscópica comparativamente à Obra de Jesus, devemos realizar dentro do nosso próprio íntimo e contribuir para que outros façam o mesmo: em caso contrário, seremos meros construtores de castelos de areia, que as ondas do mar desmancham em minutos.

A consciência é a grande “*biblioteca*”, que devemos consultar e, ao mesmo tempo, o “*juiz*”, que analisa se nossos

pensamentos, sentimentos e ações estão de acordo com a Lei Divina.

Quem ainda não avaliou a importância da própria consciência não sabe quem é e anda perdido pelo mundo, quer esteja encarnado, quer esteja desencarnado.

Devemos orar ao Pai Celestial, pedindo-Lhe que desperte nossa consciência, a fim de conhecermos sua Lei e agirmos de acordo com ela, para sermos felizes e contribuirmos para a felicidade alheia.

1.1.1 – CONSCIÊNCIA E MEDIUNIDADE

“A *Grande Síntese*” traz um estudo de extrema importância, que transcrevemos abaixo, para conhecimento dos prezados leitores. Pedimos-lhes que leiam com calma e pausadamente esse excerto, pois sua profundidade não pode ser captada com uma passagem superficial de olhos. O que aqui consta deve ser pensado, digerido, assimilado como quem mastiga muitas vezes um alimento antes de deixar que desça para o estômago. Iremos acrescentar algumas notas espaçadamente, como mera contribuição à fixação das informações dadas pelo Divino Pastor.

Esclarecemos que a expressão “*consciência*”, empregada neste item e no seguinte tem tudo a ver com aquela que os Espíritos Superiores referiram a Allan Kardec (onde está escrita a Lei de Deus), pois, quanto mais um Espírito evolui, mais se apura sua consciência, que passa a analisar seus pensamentos, sentimentos e ações com mais “*seletividade*”: assim Gandhi ou Madre Tereza de Calcutá não considerariam aceitáveis para sua consciência as atitudes egoísticas que, para nós, são tomadas rotineiramente, sem nenhum remorso ou arrependimento, uma vez que seu nível de consciência é muito mais elevado e o que, para nós, é virtude, para eles é instinto:

Tendes meios para comunicar-vos com seres mais importantes que aqueles a quem chamais habitantes de Marte, mas são meios de ordem psíquica, não instrumentos mecânicos; meios psíquicos que a ciência (que pesquisa de fora para dentro) e a vossa evolução (que se expande de dentro para fora) trarão à luz.

A mediunidade é um poder psíquico, que todos têm, variando de grau e modalidades. Alguns reencarnam com

tarefas específicas na mediunidade, enquanto que a maioria, pelo fato da própria fixação nos bens e interesses puramente materiais, apresenta apenas rudimentos desse “*poder mental*”, pouco uso fazendo dele.

Pode chamar-se consciência latente uma consciência mais profunda que a normal, onde se encontram as causas de muitos fenômenos inexplicáveis para vós.

No Espírito, e não no corpo, é que está a sede desses “*poderes*”. Porém, como a maioria dos terrícolas prefere os interesses e bens materiais, não utiliza nem desenvolve essas potencialidades, o que acontecerá quando desviarem o foco de seus interesses para as realidades espirituais.

O sistema de pesquisa positiva, ao fazer-vos olhar mais profundamente as leis da natureza, fez-vos descobrir o modo de transformar as ondas acústicas em elétricas, dando-vos um primeiro termo de comparação sensível daquela materialização de meios que empregamos. Já avizinhastes um pouco e hoje podeis, mesmo cientificamente, compreender melhor.

O Divino Expositor tenta chamar a atenção dos leitores descrentes para a possibilidade de se transformar um tipo de energia inferior em outra superior. Basta continuar nessa progressão para se chegar ao “*poder mental*”.

Acompanhai-me, caminhando do exterior, onde estais com vossas sensações e vossa psique, para o interior onde estou eu como Entidade e como pensamento.

Os terrícolas, no geral, vivem em função das exterioridades e não entenderam o significado da expressão: “*O Reino de Deus está dentro de vós*”.

No mundo da matéria, temos, primeiro, os fenômenos; depois, vossa percepção sensória e, finalmente, por meio de vosso sistema nervoso convergente para o sistema cerebral, vossa síntese psíquica: a consciência. Até aqui chegastes, pela pesquisa científica e experiência cotidiana. Vosso materialismo não errou, quando viu nessa consciência uma alma, filha da vida física e destinada a morrer com ela. Mas é apenas uma psique de

superfície, resultado do ambiente e da experiência, servindo à satisfação de vossas necessidades imediatas; sua tarefa termina quando vos tenha guiado na luta pela vida. Esse instrumento, como já vos disse, não pode ultrapassar essa tarefa; lançado no grande mar do conhecimento, perde-se; trata-se da razão, do bom senso, da inteligência do homem normal, que não vai além das necessidades da vida terrena.

A própria Ciência materialista teve de reconhecer que “algo” dá a vida à máquina orgânica, mas não entendeu que esse “algo” sobrevive à morte do corpo. Enquanto assim pensarem os materialistas, a vida das pessoas será como um barco em alto mar, sujeito a tempestades, representadas pela falta de fé em Deus e na existência do Espírito imortal, sua evolução através das reencarnações e na Lei do Amor Universal. O desespero, a depressão, o suicídio e outras misérias humanas continuarão ceifando vidas, todos os dias, em todos os pontos do globo.

Se descermos mais na profundidade encontraremos a consciência latente; que está, para a consciência exterior e clara, como as ondas elétricas estão para as ondas acústicas. A essa consciência mais profunda pertence aquela intuição, é o meio perceptivo e a ele é necessário poder chegar, como vos disse, para que vosso conhecimento possa progredir.

Sem o reconhecimento de que somos Espíritos, com tudo que daí decorre, estaremos apenas analisando o corpo físico, que serve de instrumento para cada reencarnação, mas se assemelha a uma vestimenta e não ao ser propriamente dito.

Vossa consciência latente é vossa verdadeira alma eterna, existe antes do nascimento e sobrevive à morte corporal. Quando, ao avançar, a ciência chegar até ela, ficará demonstrada a imortalidade do espírito. Mas hoje não estais conscientes dessa profundidade, não sois sensíveis a esse nível e, não tendo em vós mesmos nenhuma sensação, a negais. Vossa ciência corre atrás de vossas sensações, sem suspeitar que elas podem ser superadas, e aí fica circunscrita como num cárcere. Essa

parte de vós mesmos está imersa em trevas, pelo menos, assim é para a grande maioria dos homens que, por conseguinte, nega; sendo maioria, faz e impõe a lei, relegando a um campo comum de fora da normalidade e juntando em dolorosa condenação, tanto o subnormal, isto é, o patológico ou involuído, como o supranormal, elemento super-evoluído do amanhã. Neste campo, muito errou o materialismo. Apenas alguns indivíduos excepcionais, precursores da evolução, estão conscientes na consciência interior. Esses ouvem e dizem coisas maravilhosas, mas vós não os compreendeis senão muito tarde, depois que os martirizastes. No entanto, esse é o estado normal do super-homem do futuro.

Pessoas como Chico Xavier eram procuradas pelas massas em geral na expectativa de cura de doenças, solução de problemas materiais e outros interesses mundanos. Todavia, as lições que ele repassava, vindas do mundo espiritual, muitas vezes eram deixadas de lado, pois, para entendê-las realmente, essas pessoas deveriam acreditar que são Espíritos eternos e pensarem, sentirem e agirem no Bem e não apenas quererem ficar livres da Lei de Causa e Efeito, que lhes trazia de volta o resultado de suas más inclinações.

Os Orientadores Espirituais encarnados e desencarnados são, normalmente, incompreendidos, porque tentam motivar as pessoas para a evolução espiritual, mas elas preferem a materialidade: são dois mundos diferentes: o dos “trabalhadores de Jesus” e o dos “servidores de Mamom ou de César”.

Acenei a essa consciência interior, porque é a base da mais alta forma de vossa mediunidade, a mediunidade inspirativa, ativa e consciente; ela é justamente a manifestação da personalidade humana quando, por evolução, atinge esses estados profundos de consciência, que podem chamar-se intuição.

Com a evolução, todos terão aflorada a intuição, que é o meio de contato, não pela palavra ou os gestos, com os outros seres, encarnados ou desencarnados, mas pelo pensamento.

Em planetas mais evoluídos esse é o meio de comunicação entre os seres humanos, sem necessidade do uso da palavra escrita ou falada ou outros meios igualmente primários.

Jesus convida os terrícolas a iniciarem o aprendizado da utilização dessa ferramenta, que, todavia, depende da aquisição das virtudes acima mencionadas: não se trata de um aprendizado mecânico, porque está subordinado à consciência, que verifica se merecemos ou não ter nas mãos essa ferramenta poderosa, que, se utilizada para o Mal ou a irresponsabilidade, provoca danos consideráveis. Somente os Espíritos Superiores (“*pelo muito Amor Universal que manifestam*”) têm o domínio mais avançado desse “poder”.

Vossa consciência humana é o órgão exterior através do qual vossa verdadeira alma eterna e profunda se põe em contato com a realidade exterior do mundo da matéria. Por seu intermédio, experimenta todas as vicissitudes da vida, destas experiências faz um tesouro, delas assimila o suco destilado, do qual ela se apodera, tornando suas as qualidades e capacidades, que mais tarde constituirão os instintos e as ideias inatas do futuro. Assim, a essência destilada da vida desce em profundidade no íntimo do ser; fixa-se na eternidade como qualidades imperecíveis e nada de tudo o que viveis, lutais e sofreis, perder-se-á em sua substância. Vedes que, com a repetição, todos os vossos atos tendem a fixar-se em vós, como automatismos que são os hábitos, isto é, um hábito, uma roupagem sobreposta à personalidade. Essa descida das experiências da vida se estratifica em torno do núcleo central do Eu que, com isso, agiganta-se num processo de expansão contínua; assim, a realidade exterior (tanto mais relativa e inconsistente quanto mais exterior) sobrevive àquela caducidade, condena-a àquele constante transformismo que a acompanha e transmite ao eterno aquilo que vale e sua existência produz. Por isso, nada morre no imenso turbilhão de todas as coisas; todo ato de vossa vida tem valor eterno.

Verifica-se que Jesus, para efeitos didáticos, diferencia a “*consciência humana*” da “*consciência interna*”, a primeira simplesmente necessária para a vivência materializada no mundo terreno e a segunda visando a evolução espiritual. A primeira vai servindo gradativamente para o Espírito encarnado entender que os bens e interesses materiais são perecíveis e geram o tédio, o desencanto, a insatisfação, levando-o a valorizar e querer adquirir, em maior grau, a segunda. Pensemos nisso nas nossas vidas.

Quem consegue ser consciente também na consciência latente, encontra seu Eu eterno e, na vasta complexidade das vicissitudes humanas, pode reencontrar o fio condutor ao longo do qual, logicamente, segundo uma lei de justiça e de equilíbrio, desenvolve-se o próprio destino. Então, vive sua vida maior na eternidade e com isso vence a morte.

Temos de “*viver no mundo sem pertencer ao mundo*”, como disse Jesus há dois milênios.

Ele se comunica livremente, mesmo na Terra, por um processo de sintonia que implica afinidade com as correntes de pensamento, que existem além das dimensões do espaço e do tempo. Em outro lugar acenei à técnica dessa comunicação conceptual ou mediunidade inspirativa.

Ninguém pensa, sente ou age sozinho, pois, em cada momento, estamos emitindo e recebendo “*energia mental*”, que percorre o Universo, apoiando todos que estão na mesma sintonia e sendo apoiados por eles.

Tracei-vos, assim, o quadro da técnica de vossa ascensão espiritual, efeito e meta de vossa vida. Em minhas palavras vereis sempre pairar esta grande ideia da evolução, não no limitado conceito materialista de evolução de formas orgânicas, mas no bem mais vasto conceito de evolução de formas espirituais, de ascensão de almas. Este é o princípio central do universo, a grande força motriz de seu funcionamento orgânico.

A evolução espiritual deve ser nossa meta de vida, acima de qualquer outro valor terreno.

O universo infinito palpita de vida que, ao reconquistar sua consciência, retorna a Deus. É esse o grande quadro que vos mostrarei. Essa é a visão que, partindo de vossos conhecimentos científicos, indicar-vos-ei. Minha demonstração, lembrai-vos, embora se inicie com uma investigação para uso dos céticos, é um lampejo de luz que lanço ao mundo, é imensa sinfonia que canto em louvor de Deus.

A Lei de Deus é de uma magnitude tal que somente os Espíritos Superiores conseguem alcançar. Jesus, no final deste trecho do Seu livro, termina por dar glória a Deus, afirmando que o estudo com o qual nos brinda é uma “*imensa sinfonia que canto em louvor a Deus.*” Quem procura conhecer a Lei de Deus, imbuído de humildade, desapego e simplicidade, termina por “*louvar o Pai Celestial*” por tudo que concede aos Seus filhos e filhas.

1.1.2 – INSTINTO E CONSCIÊNCIA — TÉCNICA DOS AUTOMATISMOS

Novamente vamos à obra “*A Grande Síntese*”:

Não vos admireis disto, pois conheceis somente uma pequena parte de vós mesmos.

O autoconhecimento não engloba apenas a observação dos nossos pensamentos, sentimentos e ações, mas também o conhecimento do que Jesus ensina, a seguir, sobre o “*banco de dados*” que é o subconsciente, onde estão arquivadas as informações que se consubstanciam nos instintos. É importante aprendermos como funciona esse mecanismo, uma vez que podemos escolher a qualidade das informações que iremos armazenando: se para o Bem ou se para o Mal. No primeiro caso, nossos instintos serão benevolentes, caridosos, fraternais e, no segundo, agressivos, egoístas, maldosos.

“*O uso do cachimbo faz a boca torta*”: diz o ditado, ou seja, não acumulemos condicionamentos nocivos. Em termos simbólicos, “*não usemos cachimbo*”, portanto, para que nossa boca não entorte.

O funcionamento orgânico não ocorre fora de vossa consciência, confiado a unidades de consciências inferiores, situada fora delas?

O coração não precisa da nossa vontade consciente para funcionar, o mesmo se dizendo da maioria das demais funções orgânicas, pois, em milhões de anos de condicionamento e evolução, passaram a atuar sob o comando de determinados departamentos da nossa individualidade espiritual encarregados desse trabalho.

A economia que a lei do menor esforço impõe, limita a consciência humana ao âmbito em que se realiza o trabalho útil das construções.

Assim, percebemos que, à medida que evoluímos, certas atividades vão se tornando instintos: por exemplo, para um Espírito Superior, o que para nós é inteligência ou moralidade, para ele é instinto. Para nós, por exemplo, o que há de mais elevado é instinto para um Sócrates, um Francisco

de Assis ou um Chico Xavier, pois a caridade, a bondade e outras virtudes, que nos esforçamos tanto para adquirir, são para eles como um “reflexo condicionado”, em que não há a mínima possibilidade de eles pensarem, sentirem ou agirem de forma que contrarie esses instintos. Entendamos isto, para compreender como a repetição no Bem gera um condicionamento feliz.

O que foi vivido e definitivamente assimilado é abandonado aos substratos da consciência, zona que podeis chamar de subconsciente.

Eis aqui a referência espiritualista ao subconsciente, que esclarece melhor que as afirmações dos cientistas materialistas.

Por isso, o processo de assimilação, base do desenvolvimento da consciência, realiza-se justamente por transmissão ao subconsciente, em que tudo fica, mesmo se esquecido, pronto para ressurgir se um impulso a excita, ou um fato o exija.

O subconsciente é exatamente a zona dos instintos, das ideias inatas, das qualidades adquiridas; é o passado superado, inferior, mas adquirido (misoneísmo). Aí depositam-se todos os produtos substanciais da vida; nessa zona encontrais o que fostes e o que fizestes; reencontrais o caminho seguido na construção de vós mesmos, tal como nas estratificações geológicas reencontrais a vida vivida pelo planeta. A transmissão ao subconsciente ocorre justamente através da repetição constante. Então dizeis que o hábito transforma um ato consciente num ato inconsciente; com ele forma uma segunda natureza. Este é o método da educação.

Eis aí uma referência à boa Pedagogia: a repetição de bons pensamentos, sentimentos e ações, mais importante que simplesmente alguém acumular informações que visam os interesses terrenos.

Palavras comuns que exprimem exatamente a substância do fenômeno. Podeis, assim, com a educação, o estudo, o hábito, construir-vos a vós mesmos. Logo que um ato é assimilado, a economia da natureza o deixa fora da

consciência, porque, para subsistir, não mais precisa que ela o dirija. Logo que uma qualidade é apreendida, também é abandonada aos automatismos, em forma de instinto, de caráter que se fixou na personalidade.

Não se trata de extinção nem de perda, porque tudo subsiste e está presente e ativo, se não na consciência, pelo menos indubitavelmente no funcionamento da vida, e continua a produzir todo o seu rendimento. Somente é eliminado da zona da consciência, porque agora já pode funcionar sozinho, deixando o Eu em repouso. A qualidade assimilada e transmitida ao subconsciente cessa de ser fadiga e se torna necessidade, instinto. O impulso impresso na matéria fica e quando reaparece, exprime-se como vontade autônoma de continuar na sua direção, como criatura psíquica independente, criada por obra vossa; mas, agora, quer viver sua vida.

Aprendamos sobre o que é e como funciona a consciência:

Dessa maneira, a consciência representa apenas aquela zona da personalidade em que ocorre o esforço da construção do Eu e de sua ulterior dilatação. Em outros termos: limita-se unicamente à zona de trabalho, e é lógico. O consciente compreende somente a fase ativa, única que sentis e conheceis, porque é a fase em que viveis e trabalha a evolução.

Agora, podeis compreender algumas características inexplicáveis do instinto, assim como sua maravilhosa perfeição. No instinto, a assimilação está terminada. Então o fenômeno não está em formação, mas já atingiu sua última fase de perfeição. Por isso, o instinto é tenaz e sábio: existe por hereditariedade e sem aprendizado, justamente porque esse já ocorreu; age sem reflexão (tanto no animal, como no homem), exatamente porque já refletiu bastante. Foi superada a fase de formação, o ato reflexivo é inútil e é eliminado; a repetição constante cristalizou o automatismo numa forma que corresponde perfeitamente às forças ambientais; estas agiram de maneira constante.

Cálculo de forças, adaptações, ações e reações, sensibilidade e registro, concorrem para o transformismo. No crisol das formações estavam misturadas, em ebulição, forças reguladas, cada uma por um inato princípio-lei, próprio, perfeito; o resultado tinha de ser perfeito e exato. O princípio diretor, que garantia a constância das ações e condições ambientais, permitiu a estabilização de reações constantes no instinto e, portanto, a correspondência deste com o ambiente.

Compreendeis, agora, a estupenda presciência do instinto e da infinita série de experiências, incertezas e tentativas, de que ela resulta. O indivíduo deve ter aprendido alguma vez essa ciência, porque do nada, nada nasce; deve ter experimentado a constância das leis ambientais pressupostas, a que correspondem seus órgãos, para as quais ele é feito e proporcionado. Sem uma série infinita de contatos, de experiências e adaptações no período de formações, não se explica uma tão perfeita correspondência de órgãos e instintos, antecipados à ação, dentro de uma natureza que avança por tentativas, e nem se explica sua hereditariedade. No instinto, a sabedoria já está conquistada; foi superada a fase de tentativas e a necessidade de submeter-se a uma linha lógica que, oferecendo várias soluções, demonstra a fase insegura e incerta dos atos raciocinados, onde o instinto conhece um só caminho, o melhor.

Vejamos sobre a razão. Eis aqui a explicação para a existência dos santos e dos gênios:

A razão cobre um campo muito mais extenso que o limitado pelo instinto (nisto o homem supera o animal, dominando zonas que ele ignora). Entretanto, em seu pequeno campo, o instinto atingiu um grau de amadurecimento mais adiantado, expresso pela segurança dos atos, e um grau de perfeição ainda não alcançado por nenhuma razão humana. Esta, nas tentativas, revela as características evidentes da fase de formação. Da mesma forma que o animal raciocinou rudimentarmente no período da construção de seu

instinto, assim a razão humana, terminada a formação; alcançará um instinto complexo e maravilhoso, que revelará sabedoria muito mais profunda.

Nunca devemos colocar o instinto e a inteligência em conflito um com a outra, mas sabermos como bem utilizar o primeiro em favor da segunda. A questão da sexualidade está aqui embutida. Analisemos “com olhos de ver e ouvidos de ouvir”. Também entendamos a inteligência em formação nos animais, sendo que alguns, como o cão, o cavalo e o macaco, estão vivendo a transição para a fase humana. Aliás, as classificações são todas artificiais, pois as mudanças se processam como quem sobe uma rampa e não uma escada. Entendamos isto:

No homem, conserva-se todo o instinto animal, de que a razão é mera continuação. Agora podeis compreender que instinto e razão são simplesmente duas fases de consciência, a primeira já superada e, portanto, funcionando automaticamente; a segunda, em vias de formação. Não coloquemos os dois momentos do mesmo processo evolutivo em antagonismo. No homem, não apenas sobrevive todo o instinto do animal, como também a formação de novos instintos não cessa, tal como ocorreu para aquele e com o mesmo sistema, embora muito mais rapidamente, em vista da potência psíquica do homem, e num nível muito mais alto, em virtude da complexidade de seu psiquismo. Da mesma forma que, no homem, a fase instinto é inconsciente e a fase razão consciente, assim no animal, além do instinto inconsciente, existe pequena zona de formação, portanto, consciente e racional, embora de consciência e racionalidade primitivas. Se observardes, vereis que nem todos os atos dos animais estão cristalizados no instinto, existe sempre uma porta aberta para novas aquisições (aprendizado, domesticação etc.).

Há quem se horrorize com a ideia de que já foi planta e animal, mas, se bem analisarmos, a diferença física que existe entre nós e esses irmãos e irmãs não é tão grande e a diferença intelecto-moral que nos distancia de Jesus, por exemplo, é

muito maior que essa: por isso Suas Lições até hoje são nebulosas para a nossa pequena capacidade de compreensão.

Entre a planta, o animal e o homem só existe a diferença devida ao caminho maior ou menor que foi percorrido. Pensais quanta parte de vós mesmos está confiada aos automatismos, como também a racionalidade humana tende a cristalizar-se em atitudes instintivas, como passa a ser instinto tudo o que foi profundamente conquistado.

É mencionado aqui um conceito novo: o “superconsciente”. Observemos também um detalhe importante: a educação dos seres humanos nos primeiros anos da reencarnação. Vejamos a responsabilidade que pesa sobre pais, mães e educadores:

Existe, pois, uma zona obscura do subconsciente e uma zona lúcida do consciente. Além disso, há uma terceira zona, a do superconsciente, em que tudo são expectativas, preparando-se as conquistas do amanhã: fase possuída apenas como pressentimento e contida, em germe, nas causas que atuam no presente, de que ele representa o desenvolvimento. Zonas que, em sua amplitude e posição, são relativas ao ser, de acordo com seu grau de desenvolvimento. Variam grandemente também no homem, conforme sua evolução pessoal, os limites do consciente. Aquilo que é consciente ou superconsciente para alguns, pode ser subconsciente (ou seja, caminho percorrido e experiências adquiridas) para outros mais adiantados. Esses limites variam, também, durante a vida do mesmo indivíduo, pois a vida é justamente o período das aquisições e transformações de consciência. A idade mais adequada a essas aquisições — em outras palavras, mais susceptível de educação — é a juventude. A consciência, refeita pelo repouso, é mais propensa à assimilação, ao estabelecimento de novos automatismos, que depois se fixarão indelevelmente no caráter; os primeiros, serão os mais profundos e mais resistentes.

Reassumindo rapidamente todo o caminho percorrido pela evolução, a zona da consciência tende sempre a subir, deslocando-se para o superconsciente; educação, hábitos bons e maus, tudo se fixa em automatismos transmitidos ao subconsciente. A fase lúcida do trabalho construtivo se transfere para campos mais elevados e mais profundos, para o âmago do ser, na assimilação de qualidades espirituais.

Assim nada se perde de todas as dores e lutas da vida, de todo bem e mal praticados. Não se perde fora de vós, pelo princípio de causa e efeito; não se perde dentro de vós, pelo princípio de transmissão ao subconsciente. A herança de vossas culpas como de vossos merecimentos, o resultado de todas as vossas fraquezas ou esforços, vós os carregais sempre convosco, de acordo com o que quisestes. A assimilação por automatismos e a transmissão ao subconsciente é o meio de transmissão para a eternidade das qualidades adquiridas, fruto de vosso trabalho. Cada ato tem um eco e deixa u'a marca. A técnica dos automatismos reside em vossa experiência cotidiana, na aquisição de cada habilidade mecânica ou psíquica. A objeção que poderíeis levantar contra a teoria da assimilação, por automatismos, das experiências vividas (isto é, perde-se um hábito por falta de uso) não vale, porque o que se transmite ao subconsciente é a aptidão e não o conhecimento. Vede que aquela permanece, mesmo quando o conhecimento esvanece pelo desuso, e sabe reconstruir rapidamente o que parece destruído. Daí todas as diversíssimas capacidades inatas, às quais tanto deve a vida, doutra forma não teriam explicação. Se a repetição de inumeráveis atos de defesa deu ao animal o instinto da defesa, o agir moralmente conferirá ao homem hábitos morais; o pensamento desenvolve e enriquece a inteligência. Tendes, assim, um meio para poderdes retificar, continuamente, a substância de vossa personalidade: vós mesmos podeis plasmá-la para o bem ou para o mal. Assim, vosso destino, produzido pelas qualidades que assimilastes,

constituído e cercado pelas forças que movestes, pode sempre sofrer retoques por vossas próprias mãos. Assim, o férreo determinismo, imposto pela lei de causalidade, abre-se na zona das formações estendidas para o futuro, num campo em que domina, unicamente, vosso livre-arbítrio, senhor da escolha, que mais tarde, salvo ulteriores correções, vos prenderá, por sua vez, na mesma lei de causalidade.

As escolhas de cada um acionam a Lei de Causa e Efeito, mas sempre visando o aprendizado e nunca a punição, pois Deus, que é Puro Amor, não pune, mas ensina.

2 – AS TRÊS REVELAÇÕES

Como se propagou na época em que viveu Allan Kardec, as Três Revelações foram: Primeira – a de Moisés, Segunda – a de Jesus e Terceira – a dos Espíritos, codificadas por Allan Kardec.

Isso não significa que não virão outras, ou até que já vieram outras. Nota-se que há um espaço de tempo de muitos séculos entre cada uma dessas que foram mencionadas, mas não há obrigatoriedade de que esse intervalo de tempo continue sendo necessário para as seguintes.

A maioria dos espíritas faz questão de desconsiderar o livro “*A Grande Síntese*” como continuidade das Revelações, apesar de Emmanuel ter afirmado taxativamente que foi o próprio Divino Mestre Jesus quem ditou esse Tratado. Não seria essa a Quarta Revelação? – Não importam as classificações terrenas, sempre imperfeitas, mas sim os resultados práticos do trabalho dos Espíritos desencarnados ou encarnados no sentido do progresso intelecto-moral da humanidade da Terra, sob o Comando Amoroso e Sábio de Jesus.

Nós consideramos “*A Grande Síntese*” a Quarta Revelação, apesar de ter sido ditada com menos de um século de distância temporal em relação às Obras do Pentateuco Kardequiano.

Infelizmente, a maioria dos espíritas desconhece essa obra, o que os faz terem uma noção incompleta daquilo que os Espíritos Superiores apenas esboçaram nas Obras da Codificação e que André Luiz, Emmanuel e Joanna de Ângelis, além de alguns outros desdobraram posteriormente.

2.1 – “A GRANDE SÍNTESE”

Para aqueles e aquelas que não tiveram contato com essa obra monumental mostraremos um pequeno trecho do seu início, a fim de motivá-los à sua leitura, ou melhor, ao seu estudo metodizado, tal como se estudam, nos Centros Espíritas, e em muitos lares espíritas, as obras da Codificação Kardequiana:

Em outro lugar e de outra forma, falei especialmente ao coração, usando linguagem simples, adaptada aos humildes e aos justos que sabem chorar e crer. Aqui falo à inteligência, à razão cética, à ciência sem fé, a fim de vencê-la, superando-a com suas próprias armas. A palavra doce que atrai e arrasta, porque comove, foi dita. Indico-vos agora a mesma meta, mas por outros caminhos, feitos de ousadias e potência de pensamento, pois quem pede isso não saberia ver de outra forma, por faltar-lhe a fé ou incapacidade de orientação para compreender.

O pensamento humano avança. Cada século, cada povo segue um conceito de acordo com o desenvolvimento que obedece a leis a que estais submetidos. Em qualquer campo, a nova ideia vem sempre do Alto e é intuída pelo gênio. Depois, dela vos apoderais, a observais, a decompodes, a viveis, passando, então, à vossa vida e às leis. Assim, desce a ideia e, quando se fixa na matéria, já esgotou seu ciclo, já aproveitastes todo seu suco e a jogais fora para absorverdes, em vossa alma individual e coletiva novo sopro divino.

Vosso século possuiu e desenvolveu uma ideia toda própria que os séculos precedentes não viam, pois estavam atentos em receber e desenvolver outras. Vossa ideia foi a ciência, com que acreditastes descobrir o absoluto, embora essa também seja uma ideia relativa que, esgotado seu ciclo, passa; eu venho falar-vos exatamente porque ela está passando.

Vossa ciência lançou-se num beco escuro, sem saída, onde vossa mente não tem amanhã. Que vos deu o último século? Máquinas como jamais o mundo as teve (mas que, no entanto, são apenas máquinas) e, em compensação, ressecou vossa alma. Essa ciência passou como um furacão destruidor de toda a fé e vos impõe, com a máscara do ceticismo, um rosto sem alma. Sorris despreocupados, mas vosso espírito morre de tédio e ouvem-se gritos dilacerantes. Até vossa própria ciência é uma espécie de desespero metódico, fatal, sem mais esperanças. Terá ela resolvido o problema da dor? Que uso sabe fazer dos poderosos meios que lhe deram os segredos arrancados da natureza? Em vossas mãos, o saber e a força transformam-se sempre em meios de destruição.

Para que serve, então, o saber, se ao invés de impulsionar-vos para o Alto, tornando-vos melhores, para vós se torna instrumento de perdição? Não riais, ó cétricos, que julgais ter resolvido tudo, porque sufocastes o grito de vossa alma que anseia por subir! A dor vos persegue e vos encontrará em qualquer lugar. Sois crianças que julgais evitar o perigo escondendo a cabeça e fechando os olhos, mas existe uma Lei, invisível para vós, todavia mais forte que a rocha, mais poderosa que o furacão, que caminha inexorável movimentando tudo, animando tudo; essa Lei é Deus. Ela está dentro de vós, vossa vida é uma exteriorização dela e derramará sobre vós alegria ou dor, de acordo com a justiça, como o merecerdes. Eis a síntese que vossa ciência, perdida nos infinitos pormenores da análise, jamais poderá reconstituir. Eis a visão unitária, a concepção apocalíptica que venho trazer-vos.

Para que me possa fazer compreender, é mister que fale de acordo com vossa mentalidade e me coloque no momento psicológico que vosso século está vivendo. É indispensável que eu parta justamente dos postulados da vossa ciência, para dar-lhe uma direção totalmente nova. Vosso sistema de pesquisa objetiva, à base da observação

e experiência, não vos pode levar além de certos resultados. Cada meio pode fornecer certo rendimento e nada mais, e a razão é um meio. A análise não poderia chegar à grande síntese, grande aspiração que ferve no fundo de todas as almas, senão por meio de um tempo infinito, de que não dispodes. Vossa ciência arrisca-se a não concluir jamais e o “ignorabimus” quer dizer falência. A tarefa da ciência não pode ser apenas a de multiplicar vossas comodidades. Não estranguleis, não sufoqueis a luz de vosso espírito, única alegria e centelha da vida, até o ponto de tornar a ciência, que nasce do vosso intelecto, uma fábrica de comodidades. Esta é prostituição do espírito, é vergonhosa venda de vós mesmos à matéria.

A ciência pela ciência não tem valor, vale apenas como meio de ascensão da vida. Vossa ciência tem um pecado original: dirigir-se apenas à conquista do bem-estar material. A verdadeira ciência deve ter como finalidade tornar melhores os homens. Eis a nova estrada que precisa ser palmilhada. Essa é a minha ciência.

* * *

Não falo para ostentar sabedoria ou para satisfazer a curiosidade humana, vou direto ao objetivo: para melhorar-vos moralmente, pois venho para fazer-vos o bem. Não me vereis despender qualquer esforço para adaptar e enquadrar meu pensamento ao pensamento filosófico humano, ao qual me referirei o menos possível. Ao contrário, ver-me-eis permanecer continuamente em contato com a fenomenologia do universo. Importa escutar verdadeiramente essa voz, que contém o pensamento de Deus. Compreendei-me, vós que não acreditais, vós céticos, que julgais sabedoria a ignorância das coisas do espírito e, no entanto, admirais o esforço de conquista que o homem, diariamente, exerce sobre as forças da natureza. Ensinar-vos-ei a vencer a morte, a superar a dor, a viver na grandiosidade imensa de vossa vida eterna . Não acorrereis com entusiasmo ao esforço

necessário para obter tão grandes resultados? Vamos, pois, homens de boa vontade, ouvi-me! Primeiro compreendi-me com o intelecto e quando este ficar iluminado e virdes claramente a nova estrada que vos traço, palpitará também vosso coração e nele se acenderá a chama da paixão, para que a luz se transmude em vida e o conceito em ação.

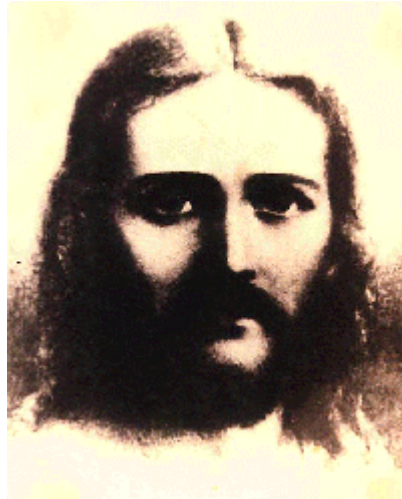
O momento é crítico, mas é mister avançar. E então (coisa incrível para a construção psicológica que o último século imprimiu em vós) nova verdade vos é comunicada por meios que desconheceis, para que possais descobrir o novo caminho. O Alto, que vos é invisível, nunca deixou de intervir nos momentos culminantes da História. Que sabeis do amanhã, que sabeis da razão por que vos falo? Que podeis imaginar daquilo que o tempo vos prepara, vós, que estais imersos no átimo fugidio? Indispensável avançar, mais que isso não vos seria possível. As vias da arte, da literatura, da ciência, da vida social estão fechadas, sem amanhã. Não tendes mais o alimento do espírito e remastigais coisas velhas que já são produtos de refugio e devem ser expelidos da vida. Falarei do espírito e vos reabrirei aquela estrada para o infinito, que a razão e a ciência vos fecharam.

Ouvi-me, pois. A razão que utilizais é um instrumento que possuíis para prover os misteres, as necessidades mais externas da vida: conservação do indivíduo e da espécie. Quando lançais este instrumento no grande mar do conhecimento, ele se perde, porque neste campo, os sentidos (que muito servem para vossas necessidades imediatas) somente esfloram a superfície das coisas e sua incapacidade absoluta de penetrar a essência vós a sentis. A observação e a experiência, de fato, deram-vos apenas resultados exteriores de índole prática, mas a realidade profunda vos escapa porque o uso dos sentidos como instrumento de pesquisa, embora ajudado por meios adequados, vos fará permanecer sempre na superfície, fechando-vos o caminho do progresso.

Para avançar ainda, é preciso despertar, educar, desenvolver uma faculdade mais profunda: a intuição. Aqui entram em função elementos complementares novos para vós. Algum cientista jamais pensou que, para compreender um fenômeno, fosse indispensável a própria purificação moral? Partindo da negação e da dúvida, a ciência colocou a priori uma barreira intransponível entre o espírito do observador e o fenômeno. O eu que observa permanece sempre intimamente estranho ao fenômeno, atingido apenas pela estrada estreita dos sentidos. Jamais o cientista abriu sua alma, para que o mistério encarasse o próprio mistério e se comunicassem e se compreendessem. O cientista jamais pensou que é preciso amar o fenômeno, tornar-se o fenômeno observado, vivê-lo; é indispensável transportar o próprio Eu, com sua sensibilidade, até o centro do fenômeno, não apenas com uma comunhão, mas com uma verdadeira transfusão de alma.

Compreendeis-me? Nem todos poderão compreender, pois ignoram o grande princípio do amor; ignoram que a matéria é, em todas as suas formas (até nas menores) sustentada, guiada, organizada pelo espírito que, em diversos graus de manifestação, existe por toda a parte. Para compreender a essência das coisas, tereis que abrir as portas de vossa alma e estabelecer, pelos caminhos do espírito, essa comunicação interior, entre espírito e espírito; deveis sentir a unidade da vida que irmana todos os seres, desde o mineral até o homem, em trocas de interdependências, numa lei comum; deveis sentir esse liame de amor com todas as outras formas da vida, porque tudo, desde o fenômeno químico até o social, é vida, regida por um princípio espiritual. Para compreender, é necessário que possuais uma alma pura e que um liame de simpatia vos una a todo o criado. A ciência ri de tudo isso e por esse motivo deve limitar-se a produzir comodidades e nada mais. Nisto que vos estou a dizer reside exatamente a nova orientação que a personalidade humana deve conseguir, para poder avançar.

3 – O DIVINO GOVERNADOR DA TERRA: JESUS



Recomendamos a leitura do livro “Jesus – O Divino Governador da Terra”, ditado por Montaigne ao médium, que pode ser consultado na Internet no endereço luizguilhermemarques.com.br ou na Biblioteca Virtual Espírita.

3.1 – SEUS PREPOSTOS

Os Prepostos mais importantes de Jesus são aqueles que o assessoram no Governo do planeta Terra, sendo que mencionaremos alguns deles, mas há outros cujo nome sequer é conhecido pelos historiadores encarnados.

A frase de Jesus: “Reconhecereis Meus discípulos pelo muito Amor que manifestarem” identifica Seus Prepostos mais importantes. Não são identificados pelo seu nível intelectual, mas pela Amor Universal que praticam.

Infelizmente, grande parte dos encarnados imaginam esses Espíritos Superiores com os “*olhos do mundo*”, ou seja, calculando que sejam príncipes cheios de vaidade, intelectuais elitistas ou líderes demagogos do mundo espiritual, quando, na verdade, são aqueles que passaram muitas vezes pelo mundo terreno, apodados como ingênuos, maltratados pela pobreza ou pelas doenças do corpo, tidos como personalidades desprezíveis e outros qualificativos de menosprezo tão comum entre aqueles que ainda não compreendem o Amor Universal: esses são os verdadeiros Prepostos de Jesus, “*trabalhadores da primeira hora*”.

4 – “FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO”

Há muito ainda de “*farisaísmo*”, ou seja, egoísmo, falsa moral e ausência de Amor Universal no íntimo de muitos que se dizem adeptos de correntes religiosas e as filosóficas que visam a evolução espiritual.

Por isso os Espíritos que orientaram Allan Kardec colocaram a Caridade como distintivo dos verdadeiros homens de bem, ou seja, os homens e mulheres que se podem categorizar como “*trabalhadores de Jesus*”. Sem Caridade, vivida no dia a dia, pouco ou nada adianta o conhecimento das Leis Divinas.

Aqueles e aqueles que simplesmente acumulam informações sem as colocar em prática em favor do Bem se assemelham ao usurário, que acumula riquezas sem utilidade para ninguém.

Devemos atentar para o conteúdo caritativo de nossa vida: em caso positivo, podemos ter certeza de que, passando para o mundo espiritual, continuaremos tendo a alegria de servir, seja em que ponto do Universo for, na Luz ou nas Trevas, enquanto que, em caso negativo, o sofrimento nos alcançará, pois deixamos enferrujar a ferramenta do coração.

Acordemos para essa realidade.

4.1 - “FORA DA DOCTRINA ESPÍRITA NÃO HÁ SALVAÇÃO”

Vê-se Bezerra de Menezes, por exemplo, manifestando-se, através da mediunidade psicofônica de Divaldo Franco, falando em nome dos Espíritos espíritas, o que mostra que há outros Espíritos evoluídos que trabalham em outras correntes religiosas ou filosóficas.

O que importa não é o “rótulo”, mas o conteúdo de Amor Universal que cada um traz dentro de si e que se manifesta em pensamentos, sentimentos e ações no Bem.

Simplesmente para ilustrar o que dizemos, iremos transcrever o que temos de informação sobre uma das várias correntes de “trabalhadores de Jesus”, dependendo, é evidente, da índole de cada um seu alistamento ou não no “Cadastro dos Trabalhadores de Jesus”

4.2 – ANTROPOSOFIA

Antonio José Marques esclarece, de forma sintética e didática, sobre essa corrente fundada por Rudolf Steiner:

A Antroposofia é, usando palavras de seu criador Rudolf Steiner (1861-1925), um caminho cognitivo pelo qual deveria ser estabelecida uma ligação entre o que existe de espiritual no homem e no universo. A Antroposofia vê no homem muito mais do que uma mera máquina. Seu conhecimento a respeito dele e da natureza baseia-se numa realidade diferente: o homem é considerado como um ser “corpóreo, psíquico e espiritual”. Nesse sentido compreende a “causa” proveniente do Divino, pois “para pensar é preciso que eu exista”. Esta foi a retratação magistral que Descartes fez no seu Discurso sobre o Método (São Paulo : Hemus, 1978, p. 68): “E notando eu que, em penso, logo existo, não há nada que me garanta que eu esteja dizendo a verdade, do mesmo passo que vejo com clareza que, para pensar, é preciso existir”. Portanto somos criaturas e um dia fomos criados pelas Hierarquias. E quem está por detrás de tudo isto?

Como o Cristo está no meio das nossas vidas, um dos meus primeiros questionamentos era sobre a Reencarnação e a Ressurreição. Esses dois temas surgiram como polaridades no cenário histórico da Humanidade. O primeiro prega a reencarnação do espírito e o segundo a ressurreição do corpo. A aparente inconciliabilidade corresponde a dois pontos de vista que nortearam os questionamentos de dois importantes grupos de pensamentos culturais: o dos hereges e o dos cristãos. Os primeiros representam um passado muito remoto, quando o neófito (iniciado) se submetia às “experiências” esotéricas nos Templos de Mistérios. Os antigos filósofos, até Platão, frequentaram essas “Escolas de Mistérios”. Para eles, o ser humano precisa retornar à

Terra, para resgate de algum “pecado” realizado em encarnações passadas, na chamada “lei do retorno” (de causa e efeito). Os cristãos correspondem à história mais recente e reconhecem o caminho espiritual principalmente através da “fé”. Admitem somente a ressurreição do corpo após o Juízo Final. Ambos merecem um estudo mais aprofundado, que é o tema deste capítulo.

O Cristo está no centro dessa polaridade. Dependendo de cada época histórica, o Cristo recebeu vários nomes: Shiva na Índia, Ahruda-Mazdao na Pérsia, Osíris no Egito e Javé na Palestina. Isso significa que o “espírito de luz” (Ser Solar ou Heloin) habitava o céu, o cosmo estelar, até que um dia tomou carne e habitou por três anos, no corpo físico de Jesus de Nazaré, após o batismo no Jordão: “Ao ser batizado todo o povo e quando Jesus, depois de batizado, rezava, abriu-se o céu e desceu sobre ele o Espírito Santo em forma corpórea, como uma pomba, ouvindo-se do céu uma voz: Tu és meu Filho amado, de ti eu me agrado” (Lucas 3,21). Assim que os espíritos maus percebem a descida de um espírito muito elevado, o Cristo é levado ao deserto, para ser tentado por 40 dias. Mas se desvencilha das garras do mal e começa a sua peregrinação messiânica, cujo objetivo era trazer a “nova moralidade”. Nesse sentido, não só condenou o comércio de vendilhões de santos e objetos no pátio do Templo (a casa do Pai Celestial), como também condenou a antiga postura de iniciação espiritual – a de se sentar debaixo da figueira, com as pernas cruzadas e os pés voltados para cima, para meditar. A nova meditação cristã é a luta diária, com os pés no chão, contra a indolência, a preguiça, o erro, a injustiça e o pecado da alma.

Lázaro foi o último a realizar a procura do Cristo (do Ser Solar) no mundo espiritual (antiga iniciação espiritual dos Mistérios). Como o Cristo já estava na

Terra, esperou quatro dias, período em que Lázaro se submeteu a esse teste, para retirá-lo do transe iniciático. “As irmãs de Lázaro mandaram dizer ao Cristo: Senhor, aquele a quem amas está doente”. O Cristo responde: “Essa doença não causará a morte mas se destina à glória de Deus... Lázaro, nosso amigo dorme, mas vou despertá-lo”. (João 11,3-11). Assim, Lázaro transforma-se, pelo batismo iniciático, pelo próprio Cristo, em João evangelista (também denominado de “o discípulo a quem o Cristo amava”). Como se pode provar que Lázaro assumiu o nome iniciático de João? Ele próprio assim disse: “Virando-se, Pedro viu que seguia atrás o discípulo, a quem Jesus amava... Este é o discípulo, que dá testemunho destas coisas e as escreveu” (João 21,20-24).

Assim o Cristianismo foi sendo absorvido dentre a miscelânea de raças e credos, nos primórdios da nossa era cristã. Os “Atos dos Apóstolos” mostram as pregações realizadas pelos primeiros “cristãos” em vários rincões da Terra. Como o Estado estava nascendo, como segundo membro do organismo social (o primeiro membro é a Religião e o terceiro a Economia), não havia distinção nítida entre Religião e Estado. Nesse sentido, a influência religiosa era marcante nas ações estatais e trouxe transformações substanciais. Isso ocorreu principalmente a partir do ano 335, período no qual o Imperador Constantino divide o imenso Imperium Romanus entre seus filhos. Estes começam a atuar energicamente sobre a comunidade pagã, no sentido de disciplinar todo o pensamento medieval dentre uma mesma ordem imperial, consubstanciada pela Religião. Pretendia-se criar a civitas Dei (cidade de Deus) com um Imperador para todos os povos. Caso os hereges não se submetessem, seriam destruídos, sacrificados, seus bens confiscados e seus templos incendiados. E foi isso que aconteceu. A partir dessa data, todos os templos dos heréticos foram destruídos e incendiados (Elêusis, Éfesos, etc.), em

“defesa da fé”. A fé devia preceder à compreensão (crede ut intelligas) e, numa voracidade indômita, ferrenha, em sua defesa, os primeiros cristãos destruíram e mataram seus irmãos de outra fé. Assim as antigas festas pagãs foram absorvidas pelo cristianismo: as Saturnálias transformaram-se no Natal, as Florálias, em Pentecostes, o Festival dos Mortos, no dia de Finados, a ressurreição de Átis, na Ressurreição do Cristo. É claro que o objetivo do Cristo era “não mudar as leis, mas dar-lhes cumprimento”. Isso significa que o que os pagãos realizavam no mundo espiritual como processo de iniciação (vide Lázaro), a partir dos Mistérios, para um pequeno grupo de eleitos, tornou-se realidade com o Cristo, para a Humanidade toda. O Cristo “democratizou” a iniciação espiritual. Qualquer um pode, a partir de então, seguir o Ser Solar, pois “Ele é o caminho, a luz e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Ele” (João 14,6).

O que teria acontecido atualmente, se essa criminalidade contra os infiéis não tivesse sido perpetrada? Talvez tivéssemos uma visão mais “humanizada” da ciência, da medicina, da cidadania, do mundo. Teríamos respeito por aqueles que pensam diferente, saberíamos ouvir mais. Seríamos mais tolerantes e talvez pudéssemos ter evoluído moralmente. Mas a prepotência de levantar a bandeira dogmática: “Só eu estou certo – todos estão errados e por isso devem morrer”, mostra o nosso lado egoísta e beligerante! Refletindo sobre isso, como cristãos que somos, a nossa “responsabilidade moral” com os crimes que praticamos contra os nossos irmãos é enorme. Ou seja, o nosso carma cristão é grande perante os hereges do passado! Por isso temos que nos “Unir no Bem”, como Luiz Guilherme propõe.

Já que o Cristo não veio mudar a lei, mas dar-lhe cumprimento, o que se pode apreender da compreensão

do Cristo, com relação à reencarnação? Ele disse: “Em verdade vos digo: dentre os nascidos de mulher nenhum foi maior do que João Batista... E se quiserdes aceitá-lo, ele é o Elias que há de vir. Quem tem ouvidos, ouça” (Mateus 11,11). Portanto o Cristo refere-se à reencarnação de Elias, como João Batista e arremata: quem tem ouvidos, ouça! Ainda repete em outros evangelistas a mesma sentença e mais uma vez, categoricamente, em Mateus: “Elias já veio e não o reconheceram. Ao contrário, fizeram com ele o que quiseram” (Mateus 17,12). Nessa passagem, refere-se à morte trágica de João Batista.

Por que é tão difícil aceitar a reencarnação? Será que não conseguimos pensar, questionar, com a nossa própria cabeça? Será que ainda se assume aquela postura dos primeiros cristãos fanáticos, na intolerância de aceitar o que o outro está falando? Como então, entender um Mozart que, aos 4 anos, já compunha músicas e óperas? Como explicar um dom qualquer que se tem, sem ter desenvolvido nenhum aprendizado? Será que Deus iria privilegiar uns e execrar muitos? Como explicar uma doença incurável em uma criança virginal?

E com relação à Ressurreição? O que significa e por que a defesa ferrenha dos primeiros cristãos? A primeira missão do Cristo foi salvar a Humanidade que estava inteiramente entregue ao domínio do mal, como foi comentado acima. A segunda missão foi preparar um novo corpo humano, mais sutil, para o futuro da humanidade (após o Apocalipse). Isso Ele realizou no “corpo etérico” de Jesus (corpo vital) e o consubstanciou materialmente como Ressurreto. Era o primeiro dia da semana, quando Maria virou-se e viu o Cristo de pé, após a morte na cruz: “Mulher, por que você está chorando? Quem é que você está procurando?” Ela virou-se e exclamou: Rabuni (Mestre). Ele responde: “Noli me tangere (Não me toque), porque não voltei para o Pai”

(João 20,17). Uma semana depois, os discípulos estavam reunidos de novo. Desta vez, Tomé estava com eles. “Estando fechadas as portas, o Cristo entrou. Ficou no meio deles e disse: A paz esteja com vocês. Depois disse a Tomé: Estenda aqui o seu dedo...” (João, 20,26). O Cristo entrou no “apartamento fechado”, com um novo corpo, que havia sido preparado por Ele próprio. Vamos ouvir o que o médico Lucas tem a dizer: “Toquem-me e vejam: um espírito não tem carne e ossos, como vocês podem ver que eu tenho... Vocês têm aqui alguma coisa para comer? Eles ofereceram um pedaço de peixe grelhado. Cristo pegou o peixe, e o comeu diante deles” (Lucas 24,39-43).

Esse é o novo corpo preparado pelo Ressurreto para o ser humano do futuro. Essa foi a bandeira que os primeiros cristãos levantaram em alto brado: teremos um futuro, com o corpo preparado pelo Ressurreto, após o final dos tempos. Isso era algo totalmente novo para a Humanidade. Nunca ninguém havia realizado isso. Só o Cristo! Agora podemos entender porque aqueles cristãos lutaram com todas as garras para “impor” essas ideias, perante o mundo cheio de ideias díspares. E, assim mesmo, hoje em dia, desconhece-se essa verdade. Por isso, quando se fala em “Ressurreição dos corpos após o final dos tempos”, deve-se entender como a nova habitação corporal humana após o Apocalipse. Assim como morremos corporalmente, assim a Terra física irá um dia morrer (após as 7 Trombetas). A sua substancialidade irá se dissolver no cosmo espiritual (que os antigos hindus denominam de Pralaya). Como será a nova Terra ressurreta? “Vi um céu novo e uma Terra nova, porque o primeiro céu e a primeira Terra haviam desaparecido. Vi a cidade santa, a Nova Jerusalém. A morte já não existirá nem haverá luto nem pranto nem fadiga, porque tudo isso já passou” (Apocalipse 21,1-4).

Assim como teremos um novo corpo nessa futura época, também teremos uma nova Terra, chamada de

“Nova Jerusalém” (ou Futuro Júpiter pela Antroposofia). Por isso não se fala mais em reencarnação (retorno do espírito à carne física atual), mas em ressurreição (retorno do espírito ao futuro corpo). “Felizes e santos os que tiverem parte na primeira ressurreição. Sobre eles não terá força a segunda morte” (Apocalipse 20,6). Já que a “primeira ressurreição” corresponde à etapa planetária futura, em consequência da “primeira morte” (morte da Terra), a “segunda morte” pode-se traduzir como o final da futura etapa da “Nova Jerusalém”. Pode-se dizer que aqueles que evoluírem passarão pela ressurreição para a fase seguinte e não terá força a “segunda morte”. Isso porque, naquela futura fase, a “morte não mais existirá”. Aqueles que não conseguirem evoluir continuarão reencarnando na mesma substancialidade terrenal (Terra colateral ou satélite da futura fase planetária), porque carregarão a perversidade e a ignomínia. Aí pesará a “segunda morte”, porque terão dificuldade para se desvencilhar da materialidade retrógrada.

Portanto a fase planetária após a Terra terá a feição dos homens que elaborarem, a partir de hoje, esse futuro. Por isso a Bíblia fala que o nosso corpo é o “Templo de Deus” e que nos foi emprestado, para um dia ser devolvido. Agora pode-se entender a outra sentença: “Com uma régua mede-se o templo de Deus” (Apocalipse 11,1), justamente para ser construído outro no futuro. “Quando semeias, não semeias o corpo, simplesmente o grão. Deus lhe dá o corpo segundo quis. Nem todos morreremos, porém todos seremos transformados. Ao último toque da trombeta os mortos ressuscitarão incorruptos” (1º Coríntios 15,37-51). Ou seja, após o final desta Terra (trombetas), os “mortos” (desencarnados) receberão corpos ressurretos na futura fase planetária, na “Nova Jerusalém”.

Como se está vendo, essa tremenda sabedoria cristã não poderia ser perdida frente à miscelânea de formas religiosas do passado. Por isso, assumir com garra guerreira era questão de honra dos primeiros cristãos. Mas um dentre os primeiros, Orígenes, escritor grego, cristão, teólogo, padre da Igreja e comentarista da Bíblia (Alexandria c.185 – Cesareia ou Tiro entre 252 e 254), foi um dos grandes pensadores da Antiguidade. Pregava a eternidade da matéria e assim falava: “Dos fragmentos de nosso mundo destruído, Deus fará outro, e deste, outros mais, cuja história dependerá, para cada um, das livres decisões dos seres razoáveis que neles estarão contidos”. Certos textos dele dão a pensar que os mesmos espíritos criados habitarão esses universos sucessivos e participarão de sua história.

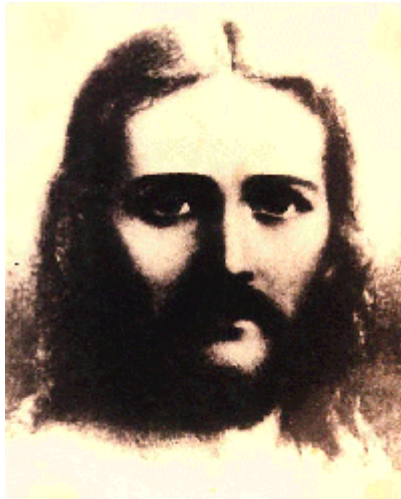
Qual a conclusão? Reencarnação e Ressurreição fazem parte da nossa cartilha de vida cristã. Elas não se contradizem, pois referem-se a situações distintas: a primeira, à reencarnação nesta fase terrestre, do espírito na carne; a segunda, à ressurreição em um novo corpo feito pelo Cristo, após o Juízo final. Assim como, no princípio da criação, a Divindade elaborou um mundo para habitarmos e um corpo para vivermos, essa mesma Divindade veio à Terra, realizar esse processo aqui. O que precisamos fazer? Com a liberdade que o Cristo nos trouxe e com o esforço individual (individualismo ético), devemos construir a “sociedade livre de seres humanos”, onde deve reinar o Amor Fraternal Crístico, para concretizar essas futuras metas de nos tornarmos “moralmente produtivos”. Por isso temos que nos unir à corrente do Bem.

5 – AMOR UNIVERSAL

O presente estudo pode ter ou não uma lógica, que convença os leitores mais exigentes, mas seu valor é apenas dizer apenas o seguinte: por qualquer caminho que se chegue ao Amor Universal estará alcançado o objetivo a que todos os trabalhadores do Cristo se propõem.

Essa é a nossa proposta: aconselhar as pessoas a pensarem, sentirem e agirem dentro do Amor Universal, ou seja, a todas as criaturas de Deus, desde o átomo invisível ao Universo inteiro.

Louvado seja Jesus, o Mestre do Amor Universal para os habitantes da Terra!



FIM